

PODERÁ O AMOR VENCER A BARREIRA DO TEMPO?

# UMA ROSA PROMETIDA À CORTE

UMA VIAGEM À 1960 DA CIDADE DO WAKU KUNGO  
UM SEGREDO OSCURO.

**CONTO**  
**PARTE 3**

DE JUVENÁLIA DA COSTA.

*No episódio anterior...*

Weza decidiu não fazer mais perguntas e simplesmente observar o que tinha em volta. Comeu no quarto por causa da dor que tinha no tornozelo. Evalina tinha usado algumas ervas e passou uma ligadura mais cedo, mas a dor persistia. O céu fechado e aquele clima de chuva forte deixavam-na confusa sobre as horas, mas já se tinha passado algum tempo desde que viu Lombá e calculou logo que seria um pouco tarde e decidiu caminhar um pouco pela casa porque já estava aborrecida de ficar dentro daquele quarto como uma prisioneira. Não chamou por Evalina e continuou a andar pela casa. Reparava nos quadros e nos móveis, gostou de um quadro em particular, quando avistou imediatamente aproximou-se dele querendo entender o que queria dizer a imagem. Era a imagem de um homem que parecia estar amargurado de dor, com a cabeça para baixo e sobre a mão direita um copo raso de uísque sentado sobre um bar e várias mulheres em volta que imploravam pela sua atenção. Era intenso, maduro, vivido e que a hipnotizou por alguns minutos. Uma lágrima lhe caiu sobre o rosto.

Weza também pintava e os seus trabalhos eram apenas sobre a natureza, animais e plantas, nunca tinha estado perante a um quadro tão intenso, tão humano e profundo. Olhou para o canto inferior direito do quadro e viu assinado por: - Isilda Cosme. Por ser uma mulher perguntou-se se Lombá a conhecia e talvez fossem íntimos. Pelo que via nas revistas dos famosos, Lombá tinha muitas namoradas e muitas fãs por todo o país e também algumas vezes que saiu do país haviam rumores de que estaria noivo

de uma cantora Moçambicana, Lira Nhangumele. Quando ia sentar para descansar o pé ouviu vozes por uma sala que desconhecia e decidiu aproximar-se quando reconheceu a voz de Lombá.

– O que mais? Ouviu a voz fria de Lombá no fundo.

– Atacaram todas as nossas fazendas, perdemos todo o gado e morreram famílias e crianças inocentes! Perdi irmãos hoje Lombá, e tu pareces não te importar com isto. Se não fosse a chuva estariam todos queimados e mortos agora.

– Estávamos preparados para o contra-ataque do palácio, mas quem diabo podia imaginar que seria com fogo? E os homens do Terêncio não foram suficientemente inteligentes para avisar-nos. Eles pagarão com a própria vida por isso!

– Chega de mortes!

– Àquele velho traidor pagará com a vida por todo sangue derramado hoje!

– Até onde irá com esta vingança? Tudo isto por causa da filha de um homem ambicioso que só tem olhos no poder. Por quanto lhe pagou por Weza?

Lombá agarrou com força no colarinho do amigo Chivala quando ouviu aquele último insulto. Chivala tinha razão sobre muita coisa, mas não tinha o direito de desrespeitar Weza na sua frente. Nunca o admitiria. – Nunca mais...

Quando ia terminar a frase entredentes Weza abre a porta da sala com lágrimas nos olhos e os seus olhos fixam os de Lombá que a olhava admirado, envergonhado e preocupado. De imediato larga o colarinho de Chivala. – Weza?

– Meu pai sabe que estou aqui? Perguntou sem medo. O que ouviu foi suficientemente forte para magoá-la.

– Não! Lombá respondeu calmamente.

– O que vocês querem de mim? Dinheiro? Título? Leva-me de volta para o palácio que eu prometo dar o que mo pedirem em troca.

– O quê?

## CAPÍTULO 3

– Sim, tu és um monstro, Lombá. Como foste capaz de me comprar?

– Não digas besteiras, Weza. Tu devias cuidar desse pé. -Olhou para o pé de Weza evitando aquele assunto.

– Onde está Evalina?

– Tu não vais responder a minha pergunta? Quanto? - Weza insistiu.

– Não há nada para responder. Tu devias descansar esse pé. Chivala vai ver Evalina.

Chivala saiu encarando Weza com um olhar triste e com um certo desprezo entre dentes, saiu abanando a cabeça.

– Quanto? -Weza insistiu determinada a obter uma resposta imediatamente.

– Eu não preciso do dinheiro da corte! – Lombá virou-se para a janela evitando aqueles olhos inundados de perguntas e dor. – Lombá estava triste. Não se importava com os gados que perdera, mas sim pelas vidas humanas, eram apenas crianças, vidas tomadas por causa da sua obsessão.

Naquele momento não sabia se tinha feito o certo, se valia mesmo a pena tê-la de volta pagando um preço tão alto. O que lhe roía os miolos era

não saber se ainda o queria, se sentia o mesmo que ele e se sentiu sua falta. Por que não ficou feliz quando o viu e só havia tristeza naqueles olhos castanhos como o mel. Será que não havia sobrado um pouco de amor?

– Lombá estava com a cabeça dorida por estar rodeado de pensamentos de raiva, dor e sofrimento. De repente sentiu batidas fortes nas costas e quando se virou para impedir, viu Weza abrir a boca em gritos. Mas não conseguia perceber nada do que lhe saía pela boca e ela insistente continuou a bater-lhe com mais força.

Quando a audição voltou, ouviu Weza pronunciar:

– Por quê? Diz-me.

Lombá amaldiçoou a sua audição naquele momento por ouvi-la novamente. Não tinha cabeça para ouvir aqueles gritos, precisava fazer-lhe calar, como? - “Que Rainha mais histérica”. Pensou.

Quando Weza ia repetir a batida no peito com as duas mãos, Lombá a segurou pelo braço e apertou-lhe contra si tomando seus lábios num beijo ardente e feroz. Weza continuou a protestar, mas ele insistiu com a língua penetrando àquela boca doce e quente. Lombá não entendeu porquê, mas a fera acalmou deixando a sua língua mergulhar naquela boca e os lábios provocarem aquele mel delicioso que mais nenhuma abelha produzia por aquelas terras.

Para além de mergulhar naquela boca a sua mão atrevida desceu sobre a cintura de Weza cariciando com muita saudade e apartando-a contra si acordando o monstro que tinha por debaixo das calças.

Weza não mais protestou até que...

– Senhor? -Evalina ficou estática na entrada da porta chamando a atenção dos dois.

Weza finalmente voltou a realidade quando ouviu Evalina e envergonhada, arrumou o cabelo e a roupa saindo apressadamente para o quarto. Lombá encarou Evalina coçando a cabeça em gesto de desespero, confuso, triste e feliz ao mesmo tempo.

– Não deixa que saia daquele quarto sem o meu consentimento, ouviu bem?

– Sim Senhor! Evalina imediatamente saiu ao encontro de Weza.

Lombá ficou estático, com a cabeça dando voltas. Era um misto de sentimentos porque tinha raiva por não conseguir proteger aquelas crianças inocentes da vingança da maldita corte. Por ter nascido e crescido no Waku kungo como um menino pobre, sabia muito bem as dificuldades que o negro enfrentava e por isso decidiu dar trabalho digno para aqueles pobres camponeses e construir uma escola para os filhos aprenderem que existia muito mais da terra para além das plantações.



Lombá não tinha estudado muito por ter pais camponeses e a família era muito pobre. O violão que o pai lhe comprou com muito sacrifício salvou-o da pobreza e vida miserável do campo. Não poder ajudar meninos como ele, fazia-o sentir-se um miserável. Saber que a escola tinha sido queimada e nela, muitas crianças tinham morrido. Culpava-se e atormentava-se de tal forma que era capaz de passar uma bala na própria cabeça, mas tinha ela. Por momentos pensou que ela sentia apenas ódio por ele e que o via como um monstro e assassino sem remorso. Mas aquele beijo, aquele beijo que imaginou por tantos anos. Que desejou que nem um louco obcecado, fê-lo ter a certeza que o amor era com ela. O formigueiro que mexeu com o seu corpo há poucos minutos havia ressuscitado de certeza porque não o sentia desde àquele último dia que a teve em seus braços na casinha de confissões do padre Benedito.

O que diabo tinha aquela mulher para o atormentar daquela maneira, para perturbá-lo todas noites da sua miserável vida. Estava triste e feliz ao mesmo tempo. Por um lado queria matar Terêncio Rosa e seus homens por incumprimento do acordo, por outro, queria subir para o quarto de Weza e lhe fazer sua de uma vez por todas. Serviu-se de um copo cheio de Uísque seco e deu um gole profundo queimando-lhe a garganta. Pensou que a bebida o acalmaria, mas não. Estava a acender ainda mais a chama da paixão, do ódio e da sede de vingança.

– Lombá? Lombá? Lombá? – Ouviu a voz de Chivala aproximar-se do escritório desesperado. Levantou-se imediatamente para saber para que raios o seu nome estava a ser chamado pela casa inteira.

– Lombá? -Chivala chegou acompanhado de um capataz que tinha a roupa suja, queimada e o rosto escuro coberto pelo preto carregado do carvão e cinzas sobre a cabeça.

– O que houve? - Lombá acendeu os olhos para os dois homens na sua frente. – Solta essa língua logo!

– Fala para o patrão sobre tudo que viu. - Chivala falou para o capataz com um semblante mais triste do que o normal.

– Patrão... Eu... - Abaixou a cabeça com dificuldade de pronunciar o que lhe passava na mente.

– Vamos, explica logo. O que aconteceu?

– Patrão desculpa. Nós tentamos apagar o fogo, a chuva também ajudou muito. Mas o patrão... - O capataz esfregou as mãos denunciando o seu nervosismo e algum medo. – Os homens do palácio queimaram tudo!

– Sim, já sei. Que novidade é essa Chivala? – Lombá virou-se impaciente. Segurou no copo de Uísque e deu mais um gole profundo. – Veio até aqui para dizer-me isso? Lombá Sorriu-lhe ironicamente.

– Não é só isso. Diz logo para o patrão! – Chivala ordenou que o capataz falasse de uma vez o que lhe levou ali.

– A escola estava a pegar fogo por todos os lados patrão, as crianças estavam lá. Eu e mais alguns homens entramos para tirar os meninos de lá e o patrão Joacir também estava connosco.

– Joacir? -Lombá acendeu os olhos admirado.

– Sim patrão. Como o patrão sabe, a escola é distante do rio, então por mais homens que tivéssemos lá, foi impossível apagar o fogo a tempo. Quando... quando voltamos do rio, o patrãozinho Joacir ficou preso dentro da escolinha e vimos explodir enquanto tentava ajudar as pobrezinhas.

Quando Lombá finalmente entendeu as últimas palavras, atirou o copo sobre a parede e gritou tão alto que se podia ouvir no mais profundo dos rios.

– Não! Joacir não! -Gritou.

Lombá chorou e gritou tão alto amaldiçoando os Deuses por tamanho sofrimento e dor. Joacir era o mais velho dos irmãos e nunca deixou o Waku Kungo. Adorava a terra e as plantações e por isso Lombá lhe atribuiu o cargo de responsável das fazendas que possuía em todo Waku Kungo.

Joacir era um bom homem, trabalhador, respeitado e acarinhado pelo povo. Para Lombá ele era um santo, um homem correcto, que fazia tudo que

mandava a lei, obediente e um grande exemplo de pai de família. – Irmão! - Lombá gritava enquanto destruía o escritório por inteiro.

– Vou matá-los a todos! - Lombá segurou nos braços de Chivala e com as palavras carregadas de ódio continuou: – Prepara os homens. Vamos acabar com eles de uma vez por todas!

– Calma amigo. - Chivala tentou abraçá-lo, mas Lombá o empurrou.

– Prepara as lanças, arcos, a metralhadora, a carabina e todas outras armas de fogo que temos. É uma ordem! -Disse tentando enxugar lágrimas descontroladas que lhe caíam sobre o rosto.

– Mas patrão... Os homens do palácio são muitos e nosso armamento...

– Cala-te imediatamente! Você deixou meu irmão morrer naquela escola! -Lombá agarrou o capataz pelo colarinho tentando descontar toda raiva que sentia. – Some daqui antes que eu te mate. -Empurrou o capataz para fora do escritório. Em seguida olhou para Chivala que continuava ali parado a observá-lo. – Estás surdo? O que ainda fazes aqui parado?

Chivala calmamente pegou em uma cadeira de madeira deitada ao chão e levantou-a para sentar nela. Cruzou os braços e encarou Lombá abanando a cabeça.

– O que é isso? Uma afronta?

– Não aceitarei mais uma ordem sua nesse estado. Tens que esfriar a cabeça primeiro. - Disse-lhe Chivala tentando acalmar o amigo.

– Então é isso? – Lombá foi para a estante perto da mesa, abriu-a e tirou a arma Sterling L2 A3 Inglesa que tinha guardada indo em direcção à porta.

– Vou matá-los com mãos próprias, com ou sem a sua ajuda.

Chivala levantou-se adiantando o passo para entrada da porta impedindo a passagem de Lombá.

– Primeiro terá que matar-me!

– Chivala sai da minha frente! - Lombá coçou a cabeça, irritado, estava a perder a paciência com ele. Tudo bem que eram amigos, mas não lhe dava o direito de desobedecer uma ordem nem de impedi-lo de fazer o que quer que fosse. Apontou a arma para a cabeça de Chivala.

– Saia! - Ordenou limpando o rosto impaciente.

– Mata-me! Chivala não pestanejou.

– O que tu queres? Que fiquemos aqui de braços cruzados enquanto matam o nosso povo? Que nos caemos como sempre fizemos? Até quando a maldita corte vai sair a ganhar? - Abaixou a arma.

– Morreram nossos irmãos e filhos hoje Lombá. Eu sei que foi mal. Sempre foi. Mas desta vez não podes esquecer quem começou essa guerra, tudo começou quando atiraste no filho do Rei.

– Eu não o matei!

– Como sabes se é isso que se diz no palácio. Se não está morto então é um atentado e o mais agravante: Tens a Rainha deles. O que pensas fazer com ela?

– Se estivesse morto, saberíamos. Aquele principezinho tem sangue dos nossos.

– Ou tu tens a pontaria desafinada.

– Podemos testar agora se ainda estiveres disposto a morrer hoje. Tens sorte que eu não mato os meus camaradas.

– Olha no que deu. Precisamos agir com cautela. Lembras-te que ordenastes para que não deixasse que saísse daqui por nenhum motivo?

– Mas é claro que lembro-me, mas isso é diferente. Terêncio enganou-me por diversas vezes, por acaso pensaste se eu queria que as coisas chegassem onde chegaram? Ele não me deu outra escolha.

– Eu sei. Teus outros irmãos estão em Loanda agora e sobre vigia dos nossos homens. Joacir foi o único que não aceitou viver na cidade grande. Vamos vingar sua morte. Disso podes ter a certeza!

– Meus sobrinhos e cunhada?

– Por agora, eu sei que os homens da corte não vão incomodá-los por causa do luto. Mas assim que tivermos uma chance, vamos levá-los para um lugar seguro.

– Uma chance? Isso tem de ser feito já! O ataque agora será virado para a minha família.

– Confias em mim? – Perguntou Chivala confirmando a sua lealdade.

– Mas é claro que confio. Não temos o mesmo sangue, mas tu és como um irmão para mim. - Falou abraçando-se ao amigo.

– Tenho um plano.

Weza abriu a porta do quarto finalmente quando ouviu àquele enorme grito de Lombá. Encarou Evalina que a aguardava na porta e perguntou-lhe assustada:

– O que houve com Lombá?

– Não sei minha senhora. O patrão ordenou que não lhe deixasse sair do quarto.

– Como? Quem ele pensa que é? Então sou uma prisioneira aqui?

– Não sei minha senhora. Por favor, entre. - Evalina pediu educadamente.

– Quanto é que ele te paga? Diz-me. Eu posso pagar-te o dobro.

Weza estava a entrar em desespero naquele instante. Desde que entrou naquela casa não tinha a certeza de nada. Lombá não lhe tinha dado as respostas que precisava. Queria saber sobre Lúcius, como estava, se estava morto. A segunda hipótese dava-lhe um aperto no peito e náuseas. Lúcius não podia estar morto, era insuportável imaginar tal coisa. Tinha a cabeça a dar voltas. Que tipo de jogo era aquele que Lombá fazia? E porque diabos o pai estava envolvido em negócios com Lombá? Teria sido comprada? A que preço?

Weza estava muito confusa e a única coisa que lhe passava pela cabeça era fugir. Se uma das formas de sair fosse fazer o que mais desdenhou na



vida, então faria. Weza cresceu rodeada por homens ambiciosos, egoístas e sem escrúpulos. Terêncio Rosa, seu pai, era um homem que não fazia nada sem ter alguma coisa em troca. Conseguiu a posição de general, por ter oferecido a sua única filha á corte real. Seus três irmãos eram iguais ao pai, ambiciosos e egoístas. O único conforto que tinha na família era na Mãe. Amália Rosa sempre lhe ensinou a obedecer os homens porque eles mandavam em tudo, mas lá no fundo Weza via que a Mãe era igual a ela. Uma mulher com desejos próprios, que não tinha medo do trabalho duro e sedenta por liberdade e igualdade. Mas infelizmente nasceram em uma terra em que os homens tinham a palavra e para viver naquela sociedade era preciso submeter-se aos desejos dos homens, fossem eles bons ou maus. Mas uma coisa que Amália Rosa não deixou de lhe ensinar foi a defender-se, a fingir os problemas e erguer-se como uma dama.

Weza detestava pessoas que pagavam outros para fazer trabalhos sujos e desonestos, mas no seu caso seria um assunto de vida ou de morte porque precisava sair dali de qualquer maneira.

– A senhora me ofende desse jeito. A minha serventia é apenas para o patrão. Eu não sirvo dois santos.

– Veja bem, eu não quero ofender a senhora. Sinto muito, mas entenda. Eu sou Weza Cristalina Rosa João III, princesa do... não. Rainha da corte real, eu mando nessas terras!

– Minha senhora, por favor... Desculpe, Rainha. Aqui só fazemos o que o patrão Lombá manda.

– Como assim? Entenda, eu fui sequestrada pelo seu patrão. Ele atirou em Lúcius, seu Rei. Eu preciso sair daqui. Preciso saber se Lúcius está bem. Se sabes de alguma coisa diz-me.

– Senhora desculpe-me mas eu não tenho permissão para falar sobre isso. -Evalina pode sentir o desespero, aflição e confusão que passava na cabeça de Weza e estavam mais claros no seu olhar. Por mais que sentisse pena e quisesse ajudá-la, não podia.

– A recompensa que terás te permitirá viver sem precisar trabalhar para o resto da vida. Ajuda-me! -Weza insistia, não tinha experiência nenhuma em corromper pessoas e Evalina também era daquelas duras de roer. Mas ela não tencionava desistir. Decidiu abrandar um pouco. – Não estarás a desobedecer o seu patrão, estarás a contribuir para o resgate de uma Rainha. Já imaginou o seu nome nos jornais da capital? “ Evalina salva Rainha das garras de um cantor psicopata”

– Meu patrão não é sequestrador nem tão pouco um psico... isso mesmo que disse. A senhora precisa descansar um pouco. Olha para esse pé, ainda não está pronto para caminhar. -Evalina tentou aproximar-se e tocá-lo no pé, mas Weza afastou-se bruscamente.

– Se não vai ajudar-me então saia. Desistiu apontando o dedo para a saída da porta.

– Mas senhora?

– Sai imediatamente!

– O patrão...

– Não quero saber o que ele ordenou. Sai. -Weza empurrou Evalina para fora do quarto irritada.

– Estarei aqui fora para o que precisar, minha senhora. -Falou Evalina sem importar-se com a forma como foi chutada para fora. Era o trabalho dela, servir os patrões sem reclamar ignorando qualquer mau trato porque sabia que os patrões eram todos daquele jeito. Algumas vezes educados e em outras rudes. Já estava habituada.

Weza atirou-se na cama agarrada a uma almofada e pôs-se a chorar. Choro alto e dorido pois estava confusa e cansada sobre tudo. Sentimentos antigos regressaram para a atormentar. Por que deixou ser beijada por Lombá? Porque sentiu o corpo inteiro estremecer quando ele a segurou pela cintura? E por que raios as pernas perderam a força com aquele beijo? Seria por causa do pé magoado?

O que sentiu naquele beijo fez ressuscitar sentimentos que pensou ter enterrado a muitos anos atrás. Pensava apenas em sair dali porque se não

ficaria louca. Louca de paixão, louca por ele, e perderia o juízo por completo. Afinal já tinha sido coroada a Rainha e precisava lutar para sobreviver tal como foi ensinada. Tudo faria para conseguir escapar e ver Lúcius, sobre que condições fossem começando por elaborar um plano. Não a manteriam ali como uma prisioneira, não permitiria.

– Como iremos justificar a explosão naquela escola? Dei ordens para queimarem as fazendas daquele vagabundo, não as crianças! -Disse-lhes João III para todos ouvirem. -Estavam reunidos mais uma vez depois da explosão da escola, que virou manchete nos jornais da capital.

– O Rei ordenou que queimássemos tudo, a escola também era dele, não sabíamos que aquelas horas havia crianças dentro.

– Claro que não sabias. A tua cabeça só serve para pôr esse capacete, não foi feita para pensar. Respondeu o Rei irritado dando voltas por toda sala. – Agora o que faremos? -Passou a mão na cabeça.

– Não me arrependo de ter dito que já não servias como Rei, mais uma estupidez da tua parte João, por agir sempre sobre efeito de raiva e vingança.

– Cala-te Ricardo. O que tu sabes sobre governação? Tu és apenas um rato que vive procurando migalhas para comer. Não aprendeste nada da última vez. -João III irritado tentou partir para cima de Ricardo, mas o chefe de segurança impediu-lhe pondo-se na frente.

– Chega! Não digas mais nenhuma palavra Ricardo. -O chefe de segurança interveio.

– A imprensa não para de ligar para saber o que houve, esta tarde chegarão carros da capital para apurarem as informações. -Falou um responsável pela área de comunicação do palácio.

– Tenho uma sugestão. – Falou Terêncio Rosa, chamando a atenção de todos.

– Tens a minha atenção. -Respondeu o Rei João III, atento.

– Bem, dado aos conflitos existentes entre os povos desta Angola, podemos culpar um dos movimentos rebeldes pelo atentado à escola. - Os membros do conselho puseram-se a murmurar atentos ao discurso de Terêncio. – E mais, é conveniente para nós que seja a UTRA, são mais rebeldes e difíceis de dominar.

– Vamos começar uma guerra por difamação? - Questionou Lourenço, governador do Amboim.

– É a melhor maneira de escondermos a nossa culpa. Estando uns contra os outros, faremos com que se matem a todos. Não é o que queremos?

– Eu gosto da ideia. Pelo bem de todos, essa informação não poderá sair desta sala. Estamos de acordo? – Falou João III.

– Há mais um assunto que teremos que discutir nesta mesa João III. Falou Terêncio Rosa, com um olhar cúmplice para a sala inteira.

– Que assunto?

– A tua destituição.

– Como?

– Sim, a condição para que limpemos o nome deste reino, espalhando notícias falsas é que seja destituído. O conselho já votou para o novo Rei, visto que Lúcius não se encontra capaz de exercer o cargo.

– Vocês passaram por cima de mim, para eleger quem? Quem? Qual de vocês pensa que é capaz de governar melhor do que eu, ou um membro da minha família? - João sentiu-se traído por todos.

– Não se trata de quem governa melhor. A nossa cidade precisa de um líder com cabeça fria agora. -Respondeu o chefe de segurança.

– Sempre soube que vocês eram todos umas ratazanas famintas, mas essa traição é muito grande. Se pensam que eu deixarei de governar definitivamente por um voto, enganam-se. Vão ler as leis primeiro.

– Conhecemos as leis tal como a vossa majestade. Desculpa, mas já está decidido. - O chefe de segurança aproximou-se de João. – Homens?

Os soldados entraram na sala quando foram chamados e puseram-se em ordem atrás de João III.

– O que é isso? Agora vão prender-me?

– Não. É apenas uma questão de organização. Então como será? A destituição ou o nome da nossa cidade espalhado como assassinos de crianças?

– Parece que vocês não leram mesmo as leis caríssimos. João III sorriu para todos eles. – Quem escolheram como vosso Rei não conhece as escrituras. Para ser Rei, deve ter o meu sangue e meu sobrenome. Qual de vocês tem isso?

– Terêncio Rosa foi escolhido. Tem experiência e é membro da família real. -Falou o chefe de segurança.

– Terêncio Rosa? – Olhou admirado para Terêncio que estava sentado a sua direita, calmo e pouco à vontade. – Então foi para isso que entrou na minha família? Para governar no meu lugar?

– Claro que não. Fui eleito pelo Conselho e não pretendo tirar-te o lugar. Não é conveniente que governes nesse estado João III. Pensas que eu não estou preocupado também? A minha filha não está entre nós tal como Lúcius. Que pelo menos está aqui sobre os teus cuidados, mas a minha Weza? Quem sabe o que aquele marginal faz com ela? Temos que manter a cabeça fria nesse sentido para que limpemos o nosso nome e resgatá-la das garras daquele marginal. -Falou Terêncio Rosa, demonstrando a sua calma e frieza para convencer os presentes de que era o candidato perfeito.

– Vamos encontrá-la. Mas tu não podes ser Rei. Eu não posso entregar-te a coroa porque já entreguei a Lúcius.



– Esqueçamos a lei. Precisamos saber como será, os meus homens precisam acompanhar as operações que estão no meu comando. Se Lúcius está incapacitado então outro poderá governar temporariamente.

– Outro que tenha o meu sangue. – A ideia de dar a coroa a Terêncio Rosa era a melhor naquele momento, mas João III tinha o pressentimento de que não viriam boas coisas dali. Afinal conhecia o compadre muito bem. Sabia que Terêncio era inteligente, ambicioso e de que gozava de boa influência.

– As leis são muito claras e importante para nós, mas precisamos agir com a cabeça se não queremos ver o nosso palácio invadido pelos camponeses para vingar a morte daquelas crianças. - Falou Ricardo.

– Não posso entregar-te. -Olhou para Terêncio. Se vocês quiserem podem prender-me, mas eu não vou permitir que alguém me possa dar ordens e destruir um legado que foi construído há muitos anos. Meus ancestrais voltarão dos seus túmulos para amaldiçoar a mim e toda essa terra.

– Prendam-no! -Ordenou o chefe de segurança.

Os soldados obedeceram e prenderam João III diante de todos.

– A partir de hoje, Terêncio Rosa é Rei de todo Waku kungo! Quem mais se opõe?

Ninguém protestou, apenas aplaudiram quando Terêncio se levantou.

– Obrigado pelo voto de confiança. Não queria que fosse desse jeito, mas João III não nos deu outra hipótese. Agradeço por tudo que fez nessa cidade. – Dirigiu o olhar para o antigo Rei. – Tenha a certeza absoluta que de agora em diante faremos o impossível para controlar a situação e capturar aquele marginal. Fizeram a escolha certa e agora eu vou demonstrar que esse reino sempre mereceu um Rei forte como eu.

– Vocês vão arrepende-se por isso. - Gritou João III para todos.

– Levem-no para a cela. -Ordenou Terêncio aos soldados.

Os soldados obedeceram levando João III a caminho da porta, que não deixou de lutar e protestar em nenhum momento. Arrastaram-no para a porta como um criminoso. Desrespeitando por completo a sua linhagem. Quando abriram a porta de saída, pararam assustados. Os soldados imediatamente largaram João III pondo-se em sentido recto para a figura que entrara.

– Pai? Por que o prendem? – Falou Lúcius com dificuldade em pôr-se em pé. A Mãe que o acompanhava abaixou-se para ajudar o marido.

– Sua majestade. Levantaram-se todos ao mesmo tempo para fazer a vénia para a entrada do verdadeiro Rei.

– Quero saber o que se passa aqui e por que ainda não encontraram a minha Rainha. -Lúcius tentou falar o mais alto que podia, mas a dor ainda o impossibilitava.

Um silêncio frio, pesado e sombrio invadiu a sala inteira.

Continua...

## PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA  
DA COSTA, SOU  
FORMADA EM  
ENGENHARIA DE  
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A ESCREVER  
LIVROS POR SER  
APAIXONADA PELA  
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR  
TER LIDO MAIS UMA  
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE GOSTAR  
E LIGUE SE PUDER  
AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: AO06.0040.0000.0457.3824.1019.6